Credores ajudarão no balanço

por Reginaldo Heller
do Rio

"O problema fundamental da economia brasileira, hoje, é o déficit público." Com esta afirmação enfática, o vice-chairman do Bank of America, William Bolin, sumarizou o encontro que manteve, ontem, com alguns economistas na sede da representação no Rio, quando deixou, também, bastante evidente que a retomada do clima de credibilidade externa na política econômica dependerá, essencialmente, da redução do déficit.

Bolin reuniu para uma conversa informal os economistas José Julio Senna, Paulo Guedes, Roberto Castello Branco, Paulo Lira (ex-presidente do Banco Central) e o presidente da CVM, Herculano Borges da Fonseca. Ele afirmou, categoricamente, que os bancos estrangeiros vão ajudar o Brasil a fechar em equilíbrio seu balanço de pagamentos em 1983.

Ele descartou, mais uma

vez, a possibilidade de renegociar o pagamento dos juros da dívida externa, repetindo declarações feitas na véspera, em Brasília.

Durante o debate, Bolin reconheceu que a política imposta pelo Fundo Monetário Internacional implicará transferência de recursos para o exterior nos próximos dois anos, pelo menos. "O Brasil deixará de ser importador de capital para ser exportador."

Contudo, distribuiu, na ocasião, um artigo que publicou na revista "Foreign Affairs", recentemente, onde apresenta algumas sugestões genéricas. Entre elas, repetiu a necessidade da comunidade financeira internacional ampliar volumes e prazos para os créditos comerciais aos países em desenvolvimento, a fim de que estes importem bens de capital.

A segunda sugestão, que poderá vir a ser levantada na próxima reunião de governadores do Banco Mundial, visa a fortalecer esta instituição. E a terceira é de criação de uma agência

intergovernamental de crédito aos subdesenvolvidos, com recursos das agências governamentais, como o eximbank americano, japonês e outros.

Na sua proposta, a reciclagem da liquidez internacional e o suprimento de crédito ao mundo subdesenvolvido seriam feitos de maneira multilateral, através de co-financiamentos oficiais e privados. Os Bancos comerciais aplicariam por prazos de até 8 anos; a agência intergovernamental, de 8 a 14 anos; e o Banco Mundial, em 15 anos, para projetos de desenvolvimento de longa maturação.

PETROBRÁS

Em almoço ontem com a diretoria da Petrobrás, o vice-presidente do Bank of America, William Bolin, declarou-se disposto a manter com a estatal o mesmo tratamento que lhe vem dispensando ao longo de 29 anos. O Bank Of America é um dos maiores credores da estatal. Atualmente sua dívida de curto e longo prazo soma US\$ 400 milhões.